

Memórias das experiências com o brincar: narrativas e mônadas de professoras de educação infantil

Memories on playing experiences: narratives and monads from early childhood education teachers

Memorias de las experiencias con el jugar: narrativas y mônadas de profesoras de educación infantil

Marina Dal' Evedove^I, Marília Del Ponte de Assis^{II}, Eliana Ayoub^{III}

Resumo

O trabalho teve como objetivo refletir sobre as memórias das experiências com o brincar de professoras que atuam na educação infantil, reconstruindo, em forma de narrativas e mônadas, o universo lúdico vivido por elas. Tomando como referência a perspectiva da história oral, foram entrevistadas três professoras de um centro de educação infantil de uma universidade pública paulista. Com base nas memórias compartilhadas, constatamos que, como sujeitos históricos imersos numa realidade social, as professoras possuem experiências com o brincar que são significativas e constituem sua singularidade, reverberando na forma como as mesmas veem e fazem a mediação das brincadeiras na sua prática docente.

Palavras-chave: Brincar; Memória; Educação infantil

Abstract

The purpose of this work was to reflect on the memories of the experiences with the teachers' playing that work in early childhood education, reconstructing, in the form of narratives and monads, the ludic universe lived by them. According to the perspective of oral history, three teachers from an early childhood education centre of a public university in São Paulo were interviewed. Reflecting on shared memories, we found that, as historical subjects immersed in a social reality, teachers have experiences with playing that are significant and constitute their singularity, reverberating in the way they see and mediate playing in their teaching practice.

Keywords: Playing; Memory; Early Childhood Education

^I Colégio Politéc - Americana, SP, Brasil – Endereço: Avenida Tietê, 51. Jardim São Roque, Americana - SP, Brasil, CEP: 13469-500 - e-mail: marina.evedove@gmail.com

^{II} Universidade Estadual de Campinas e Faculdade Anhanguera de Sumaré - Campinas, SP, Brasil - e-mail: mdpassis@yahoo.com.br

^{III} Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - Campinas, SP, Brasil - e-mail: ayoubeliana@gmail.com



Resúmen

El trabajo tuvo como objetivo reflexionar sobre las memorias de las experiencias con el jugar de profesoras que actúan en la educación infantil, reconstruyendo, en forma de narrativas y mônadas, el universo lúdico vivido por ellas. Tomando como referencia la perspectiva de la historia oral, fueron entrevistadas tres profesoras de un centro de educación infantil de una universidad pública paulista. A partir de las memorias compartidas, constatamos que, como sujetos históricos inmersos en una realidad social, las profesoras poseen experiencias con el jugar que son significativas y constituyen su singularidad, reverberando en la forma como las mismas ven y hacen la mediación del juego en su práctica docente.

Palavras clave: Juego; Memoria; Educación Infantil

1 Introdução

O presente trabalho parte do reconhecimento da importância do brincar na infância e da necessidade de proporcionar reflexões sobre este tema, sobretudo envolvendo aquelas que desempenham, atualmente, um papel fundamental no brincar das crianças: as professoras. No contexto da educação infantil, essa mediação é essencial no desenvolvimento do brincar no cotidiano, compreendido como um aprendizado social.

Marcado pela cultura e mediado por aqueles com os quais a criança se relaciona, o brincar favorece a compreensão e atribuição de significados às situações do mundo, tornando-se uma atividade privilegiada “de emergência de novas formas de entendimento do real” (ROCHA, 2000, p. 67). Observa-se, deste modo, que o brincar é fundamental para a constituição do sujeito, porque permite à criança explorar, compreender, reinventar e recriar situações.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) definem que o brincar deve constituir o eixo das propostas pedagógicas das instituições que compreendem este nível de ensino, ou seja, estas devem garantir o acesso das crianças às brincadeiras, promovendo convivência e interação entre elas.

A cultura lúdica dos jogos e das brincadeiras parece estar presente no contexto educacional, em especial nas instituições de educação infantil, reconhecidamente como uma necessidade da criança por seu importante papel no desenvolvimento e seus benefícios para o processo educativo. Porém, quando presente no cenário da escola, muitas vezes o brincar ocorre de maneira dirigida, devido à recorrente concepção de que a brincadeira deve ser utilizada a fim de promover o aprendizado e formação das crianças. Enquanto as crianças veem o brincar como “um fim em si mesmo” (BROUGÈRE, 1995), as propostas educacionais em sua maioria propõem as brincadeiras como um meio.



Cabe, portanto, à escola e às professoras proporcionarem condições necessárias para o acontecimento do brincar sem inibir as iniciativas das crianças, ao contrário, incentivando-as. Afinal, conforme Ayoub (2001), a criança é quase sinônimo de brincar, e “brincando ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens” (p. 57).

Vale ressaltar que o brincar livre não significa deixar que as crianças simplesmente brinquem, nem que não seja feita nenhuma interferência. Pelo contrário: professoras e escolas devem se atentar que são dimensões mediadoras do brincar das crianças. Esse processo de mediação não acontece apenas quando as professoras interferem diretamente numa atividade, mas a sua presença na proposta que está sendo desenvolvida e a forma como espaço, materiais e horários são organizados no planejamento das rotinas diárias também se constituem como exemplos de mediação, conforme citam Navarro e Prodócimo (2012).

Para estas autoras, devem ser possibilitadas às crianças brincadeiras que elas participem por escolha e possam interferir na (re)construção da atividade no seu decorrer, de forma construtiva e estimulante, sem descaracterizar a liberdade. O grande receio das instituições em adotar o brincar livre como parte de sua proposta parece consistir no fato de o julgarem uma atividade sem significados para a criança, desconsiderando, porém, que o aprendizado também acontece por meio desse brincar livre, pois a experiência propiciada pela atividade permite a produção de outros sentidos e significações.

É por meio da tradicionalidade e da transmissão oral entre sujeitos que possuem uma identificação comum que as brincadeiras se mantêm presentes no decorrer do tempo, marcando a infância de inúmeras pessoas (KISHIMOTO, 1995; PONTES; MAGALHÃES, 2003). O brincar parece constituir marcas potentes na memória de muitas pessoas (SILVA, 2014), evidenciando-se como uma esfera afetiva que compreende expressões de suas subjetividades.

Considerando o que foi exposto, a pesquisa aqui apresentada teve como principal objetivo refletir sobre as memórias de experiências com o brincar de professoras que atuam na educação infantil, reconstruindo, desta forma, o universo lúdico vivido por elas. Para tanto, a perspectiva da história oral foi adotada considerando que assim como nós, ouvintes, produzimos conhecimento a partir das narrativas que escutamos, os narradores também produzem seus conhecimentos e suas convicções a partir do que experienciam nas entrevistas. Dessa forma, acreditamos que recuperar memórias de brincadeiras de professoras de educação infantil pôde proporcionar a estas profissionais uma reflexão a respeito de suas práticas como professoras e do espaço que as brincadeiras têm ocupado nas instituições em que atuam.



2 Caminho metodológico

Foi realizada uma pesquisa¹ na perspectiva da história oral, com entrevistas que possibilitaram conhecer as memórias das experiências com o brincar de três professoras pedagogas que atuam no Centro de Convivência Infantil (Ceci) da Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC) da Universidade Estadual de Campinas Unicamp). O Ceci oferece educação infantil a crianças na faixa etária de seis meses a seis anos, nos espaços de Convivência I, II e III. Decidimos, então, escolher três professoras que trabalhavam com diferentes faixas etárias, uma de cada “convivência”. As participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a utilização de suas narrativas para fins acadêmicos, sendo escolhidos nomes fictícios para elas.

Na história oral, as memórias constituem a subjetividade de cada sujeito, e apesar de serem construídas na coletividade e nas relações sociais, “um determinado conjunto de memórias só pode pertencer a uma única pessoa”, conforme explicita Amado (1995, p. 132). Estas memórias não são reconhecidas aqui somente como um armazenador de lembranças, mas sim como uma possibilidade de mudanças, de acordo com Guedes-Pinto, Gomes e Silva (2008).

Assim, por meio da rememoração, o sujeito entra em contato com suas experiências e, reconhecendo-as e atribuindo-lhes significados, pode alterar aquilo que acredita que poderia ter sido diferente. Como afirma Amado (1995, p. 132), a memória “ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro”.

No processo de revisitação das memórias, entender o sujeito que narra tanto em sua totalidade quanto, principalmente, em sua singularidade, é um elemento importante e característico da história oral (SOUZA; KRAMER, 2003; ALBERTI, 2005). Ao ouvi-lo, permitimos que este reconheça os sentidos que ele próprio tem produzido diante do caráter vivido de suas experiências, afinal, isto também constitui os saberes docentes que conduzem sua prática, como vemos em Tardif (2014).

Na perspectiva sócio-histórica, segundo Freitas (2002), entende-se a entrevista como “um espaço de produção de enunciados que se alternam e que constroem um sentido na interação das pessoas envolvidas” (p. 37). Neste espaço, ocorre uma relação entre sujeitos, na qual pesquisador e participante aprendem transformando-se e ressignificando-se no processo de pesquisa em campo.

A entrevista partiu de uma questão geradora: *Gostaríamos que você compartilhasse conosco quais são as suas memórias de experiências com o brincar.*

Optamos por apresentar e refletir sobre as memórias narradas pelas professoras entrevistadas por meio de mônadas, construídas a partir de trechos das entrevistas das professoras, consideradas aqui como “pequenos fragmentos de histórias que juntas exibem a capacidade de contar sobre um todo” (PETRUCCI-ROSA et al, 2011,

¹ Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp em 2017 (CAAE número 67968117.4.0000.5404; parecer número 2.113.579).



p. 203). Esta escolha se deu pela potencialidade de relações que podem ser estabelecidas entre fragmentos da história, que configuram uma totalidade num mosaico de outras particularidades.

Após a gravação das entrevistas, os áudios foram transcritos e os excertos das entrevistas citados na pesquisa passaram por um processo de textualização, no qual foram corrigidos erros ortográficos e gramaticais. Sabendo que quando compartilhamos algo por meio da narrativa, é possível que a fala não expresse exatamente o que gostaríamos de dizer na passagem da linguagem oral para a escrita. Desta forma, ao realizar as transcrições e selecionar as mônadas que iriam compor o presente trabalho, atentamo-nos às marcas linguísticas, para assim “nos aproximarmos dos sentidos atribuídos por nossos entrevistados às suas narrativas” (GUEDES-PINTO, 2015, p. 213).

Além disso, já no momento da entrevista, assim como constava no TCLE, ficou acordado que as entrevistas transcritas seriam enviadas às professoras para revisão e que possíveis alterações poderiam ser sugeridas caso considerassem necessário. Também esclarecemos que o uso das entrevistas no presente trabalho só seria feito mediante o retorno e consentimento da transcrição.

A seguir, convidamos os/as leitores/as a mergulhar nas narrativas e mônadas de nossas entrevistadas, a fim de conhecer alguns rastros de suas memórias.

3 Narrativas e mônadas

3.1 Dia do batismo

Eu gostava de brincar de boneca e deixei as bonecas na casa da minha vó. Meu vô tinha morrido, então tinha um quarto sobrando na casa de minha vó e eu acabei levando todas as minhas bonecas pra lá. Foi muito legal porque de vez em quando a minha vó ia lá brincar e isso acabou fazendo uma companhia pra ela. Um dia, minhas amigas, minha vó e eu combinamos de fazer o batizado das bonecas na casa dela, então teve bolinho de chuva, bolo de laranja, biscoito de polvilho, minha vó fez um monte de coisas, e pegamos as bonecas todas pra batizar e minha vó fez o batizado das bonecas (risos). Empolgamos tanto com o batizado que olhei pra minha amiga, ela tinha três cachorrinhos, “vamos batizar eles também”. Levamos pra lá, menina, batizamos cachorro, boneca, qualquer um que passava pela frente (risos). E foi um dia que minha vó ficou muito feliz, as minhas amigas... foi muito gostoso brincar. (professora Margarida)

O brincar, em especial nas brincadeiras tradicionais, ocorre na coletividade, assim como a construção das memórias: muitas lembranças trazem consigo a imagem de pessoas com as quais se compartilhou aquele momento, e por vezes são estas pessoas que tornam a lembrança ainda mais significativa.

Na fala da professora, vemos não só a sua própria relação com o brincar, mas também a relação de sua avó com os brinquedos e as brincadeiras. Margarida afirma que sua avó não teve muitas bonecas na infância, mas que gostava muito. Muitas pessoas que agora encontram-se na velhice viveram sua infância em um período marcado



por famílias numerosas e condições financeiras não favoráveis. Com isso, a presença de brinquedos prontos nas casas era restrita, na maioria das vezes, às classes mais privilegiadas.

Nesta brincadeira do batismo, nota-se a presença de práticas de tradição cultural, sendo o batismo uma delas, aqui ressignificada por meio da brincadeira e da produção de novos sentidos. Vemos que a avó da professora se inseriu com entusiasmo nesse dia brincante, trazendo inclusive um costume que acompanha gerações: a preparação dos comes e bebes para comemorar um momento importante. Por fim, até os cachorros entraram na brincadeira, mas existe batismo de cachorro? Esta é uma das características mais belas e marcantes do brincar: a liberdade de viver, de criar e produzir aquilo que jamais seria considerado “normal” ou realizável, e isso só é possível quando a criança tem as condições necessárias para que explore sua imaginação e criatividade.

3.2 Era uma casa muito engraçada...

Eu lembro muito a infância com os colegas e irmãos, porque dentro de casa também brincamos muito. Casinha então, construíamos a casinha em casa, meu pai era pedreiro, então ele tinha bastante coisas de reforma no fundo do quintal, tijolo, tábuas, e nós construíamos mesmo uns barraquinhos, que era a nossa casinha. Construíamos primeiro o barraco pra depois começar a brincar, aí a gente pegava o que sobrava de cano, fazia a pia porque tinha umas pias velhas lá, colocava as panelinhas, lavava as loucinhas, e a água descia do caninho. Fazíamos um barraco com janelinha, telhado e tudo. E mesmo os brinquedos né? A comida: a gente queria fazer suco de beterraba, íamos lá e pegávamos uma folhagem no bosque que tinha muitas folhas vermelhas, verdes, aí a gente espremia e fazia o suco pra brincar. Leite com chocolate: o meu pai tinha um tambor com cal, aí a gente fazia o cal, desmanchava e colocava terra que era o Nescau. Então íamos criando essas brincadeiras assim. Na nossa época até tinha esses brinquedos prontos, mas era muito caro e família grande, com seis irmãos, jamais ia comprar. Então construíamos nossos próprios brinquedos mesmo. (professora Violeta)

A forma como essa professora narrava suas experiências com o brincar na infância mostram o quanto este foi um período significativo em sua vida. Nesta mônada fica evidente a construção coletiva de sua memória, e mesmo assim, as pessoas com as quais ela compartilhou momentos de sua infância vivenciando as mesmas situações, certamente produziram distintos sentidos e significações para o que foi vivido.

Materiais de construção, representações do mundo social, imaginação e liberdade para criar: era isto que Violeta e seus irmãos tinham naquele momento do brincar. Vejamos como as condições disponíveis e as relações que se estabelecem no contexto influenciam a cultura lúdica. Violeta e seus irmãos criavam seus próprios brinquedos, desta forma, conforme afirma Brougère (1995), estes eram definidos em relação à brincadeira, ou seja, tudo poderia se tornar brinquedo, desde que contribuísse para aquele momento lúdico. Nota-se desta forma, como afirma Benjamin (2002), que são as crianças e as brincadeiras que elas criam que definem os brinquedos, e não o contrário, e quanto mais pronto e estático for o brinquedo, menor será a liberdade da atividade lúdica.

A brincadeira possuía um fim em si mesma. Digamos que o objetivo do brincar era brincar, aquele momento era o mais significativo para elas. Passavam-se horas e horas construindo as condições para depois brincar – isto ao nosso olhar, pois para elas, aquele momento de construir os brinquedos e organizar o espaço já era uma brincadeira, afinal, envolvia imaginação, criatividade, liberdade e interação. Desta forma, o momento que se considera a preparação do brincar já é extremamente significativo para a criança.



3.3 Memórias de uma infância na creche

Acho que falta mais às crianças brincarem em casa, eu acho que é muito tempo aqui (na creche). Para mim, brincar em casa era a parte mais legal, o meu espaço, o meu quintal, é uma parte que me marcou muito. Não sei se as crianças hoje, ficando todo esse tempo aqui, vão ter essas memórias. Acho que elas vão lembrar mais do brincar aqui, do espaço da escola. Eu nem tenho memórias da minha educação infantil, e olha que eu fiz, eu só lembro que eu chorava no portão, que eu odiava ficar na escola, eu queria ficar em casa com a minha boneca de pano. Tanto é que todas as fotos que eu tenho, com menos de cinco anos, eu estou com essa boneca rosa de pano arrastando pelo chão, todas. Aí não sei se essas crianças aqui vão ter este tipo de memória, em casa, com seu espaço. (professora Jasmin)

Jasmin considera que as crianças passam tempo demais nas instituições de educação infantil, e com base em sua experiência na infância reconhece que o brincar fora da creche proporcionaria mais liberdade. Vejamos que, ao rememorar suas lembranças, ela reflete sobre o presente e compreende o que poderia ser diferente – este é um aspecto muito forte e significativo na rememoração.

Reconhecemos que o brincar nas instituições educacionais é de extrema importância e que, na existência de um contexto preparado para proporcionar um brincar livre e criativo, este espaço pode construir experiências muito significativas. Entretanto, conforme Jasmin nos leva a refletir, os espaços em que ela brincava em sua infância possuíam inúmeros instrumentos e condições diversificadas que possibilitavam exercer ainda mais sua atividade criativa. Pode-se dizer que, por mais que a mediação da escola e dos professores promova um contexto propício para o acontecer da cultura lúdica, este é um espaço restrito, em especial nas escolas que possuem pouco recurso. Entretanto, há escolas grandes, privadas, com recursos, as quais têm mais preocupação com a alfabetização, com aulas diversificadas cheias de conteúdos e que não permitem o brincar.

Com o aumento da permanência das crianças nas instituições de educação infantil será que estamos nos encaminhando para uma pobreza ainda maior de experiências? Jasmin questiona: *não sei se essas crianças aqui vão ter este tipo de memória*. Podemos dizer que, de fato, as memórias da infância atual serão bem diferentes das memórias constituídas na infância vivenciada pelas professoras.

3.4 Descoberta de uma adulta brincante

Sendo professora, eu tive contato com as brincadeiras, mas o que mais me marcou foi em uma escola particular que eu trabalhei como recreacionista. No ano seguinte, eu fui ser auxiliar de classe e tinha algo que não estava completando e era justamente isso, o brincar, porque como auxiliar de classe eu ficava muito dentro da sala de aula e como recreacionista tínhamos os projetos que desenvolvíamos e tinha o “Brincadeiras de quintal” no qual fazíamos brincadeiras com as crianças e ali eu me descobri uma adulta brincante, que foi uma coisa que eu fui apropriando aos poucos. As pessoas falam assim: “Ah, o adulto que brinca é um adulto infantilizado”, e não, é como a gente interage ali com a criança e traz aquilo. (professora Margarida)

A narrativa de Margarida nos mostra que para muitos o brincar retira do sujeito adulto a sua posição de ser “completo”, de condutor da formação dos seres mais novos, considerando assim um problema o professor que



brinca com seus alunos, acompanhado da ideia de que infantilizados estes perderão a posição de formadores, de autoridade diante das crianças.

Assim como a professora, consideramos esta visão um grande equívoco, inicialmente pelo fato de que ser criança é sim estar em formação, porém adultos também estão em constante construção. A interação entre adultos e crianças traz inúmeros benefícios à formação da criança, e também do adulto, pois é por meio da confrontação com representações do mundo que as crianças irão ressignificar e criar seus sentidos e impressões próprios da cultura na qual se inserem, promovendo questionamentos e perspectivas de mudança também no adulto.

Apesar de estar cada vez mais difundida nas esferas educacionais a relevância do brincar no desenvolvimento da criança, ainda estamos longe de ver as brincadeiras compondo a rotina das instituições escolares. A mônada apresentada nos faz perceber o quanto a sala de aula ainda é vista como um espaço do “não brincar”, no qual se prioriza o pedagógico, sem reconhecer que ambos não compreendem esferas distintas.

Na fala da professora entrevistada é evidente que ela reconhece a importância do brincar nos espaços escolares, afinal, ela sente a sua ausência. É possível perceber, igualmente, pela narrativa, o quanto o brincar nas escolas ainda é visto como algo que deve ocorrer em períodos restritos, ou nos tempos vagos, entre uma atividade pedagógica e outra. Neste contexto, em que as brincadeiras ocorrem apenas fora dos momentos considerados educativos, a auxiliar de classe, na maioria das vezes, vê-se privada da cultura lúdica, não podendo interagir com as brincadeiras propostas, afinal, sempre se encontra encarregada de auxiliar nas questões “pedagógicas”.

Indo na contramão de sua experiência como auxiliar de classe, atuando como recreacionista, Margarida se descobre uma adulta brincante, reconhecendo que brincar com as crianças é uma forma de compartilhar a cultura lúdica e que entrar na brincadeira não desfaz seu papel de mediadora, mas sim, possibilita um brincar no qual adultos e crianças interagem construindo juntos novos saberes e conhecimentos.

3.5 Novos tempos

Eu percebo algumas relações entre minhas experiências na infância e minha atuação profissional, mas é bem diferente, até o interesse das crianças por esse tipo de brincadeira, principalmente nas brincadeiras antigas. Quando propomos essas brincadeiras pra eles, já vemos que com todas as faixas etárias é rápido o interesse, “já foi minha vez, não quero mais esperar o do outro” e a perda do interesse. Eu tive aluno que ao propor a brincadeira antiga já disse que não gosta, que gosta de jogar vídeo game, então mesmo que ofereçamos, tem crianças que não se interessam mais. As coisas agora são todas prontas, bem mais fácil, calmo e tranquilo, é o lugar que você fica sentado, que brinca muito no individual, então eles ficam preferindo ainda esse tipo de brincadeira. Se eles pudessem escolher os brinquedos pra trazer, seria só coisa eletrônica, é que nós já pedimos pra trazer um brinquedo pra compartilhar, pra ficar com os amigos, pra dividir, pra brincar junto, não individual. Mas é um novo mundo que eles estão vivendo, a criança de hoje já não valoriza mais o brincar sem ter alguma coisa eletrônica. (professora Violeta)



A professora afirma que reconhece algumas relações entre suas experiências com o brincar na infância⁹ e sua prática docente, afinal sempre procura propor para as crianças brincadeiras de sua infância, em especial as brincadeiras de rua. Isto revela mais uma vez o quanto estas experiências foram significativas para ela. Trazer estas brincadeiras para as crianças é uma das formas de promover a continuidade destas práticas tradicionais e intercambiar experiências. Porém, a professora revela sua frustração quando compartilha conosco a falta de interesse que seus alunos demonstram em relação a essas brincadeiras. Nota-se assim o caráter de mudança da cultura lúdica.

A cultura lúdica se modifica de acordo com as transformações na sociedade. No mundo da velocidade da informação em que vivemos, esperar tornou-se algo muito difícil, refletindo inclusive no brincar das crianças. Em geral, brincadeiras que ocorrem no coletivo demandam espera, cooperação e paciência. Diante da dificuldade de lidar com a coletividade, tem sido cada vez mais trabalhoso desenvolver brincadeiras em grupo. Na narrativa de Violeta, fica claro que, atualmente, as brincadeiras individuais são mais dominantes. Diante disso, observamos a importância de criar condições para o acontecimento do brincar em grupos nas escolas. Assim, cabe o questionamento: como promover este brincar? Como fazer com que as crianças se sintam acolhidas e pertencentes aos momentos lúdicos?

Violeta compartilha conosco a tentativa de incentivar as brincadeiras que integram a coletividade, ao pedir que tragam somente brinquedos que deem para compartilhar com o outro. Isto nos leva a um aspecto que sofreu mudanças com os anos: se, em um passado não tão distante, o acesso aos brinquedos prontos era mais difícil, como disseram as próprias professoras, atualmente são estes brinquedos que predominam nas brincadeiras das crianças. Em geral, estes reproduzem personagens televisivos e/ou de filmes, sendo divulgados a todo momento em publicidades prometendo proporcionar prazer e satisfação. Pode-se dizer que as crianças passaram de criadoras de brinquedos para consumidoras dos mesmos, afinal, conforme afirmam Siqueira, Wiggers e Souza (2012) a criança hoje, foi “elevada ao status de cliente, pois está exposta a inúmeros anúncios publicitários dedicados exclusivamente a ela” (p. 319).²

Violeta afirma que *o que a gente valorizava tanto no brincar, a criança de hoje já não valoriza mais*. A preparação dos brinquedos, o grande grupo de amigos, o bosque, entre outros elementos que a professora narrou com tanto entusiasmo não compõem a cultura lúdica de seus alunos.

Se as crianças não possuem mais interesse nas brincadeiras tradicionais, estariam estas correndo risco de caírem no esquecimento? Se elas não vivenciarem estas experiências e não as compartilharem por meio de narrativas, estas brincadeiras, que podem até ser consideradas “patrimônios culturais” (CARNEIRO, 2017), tendem a desaparecer. O papel do narrador e do intercâmbio de experiências é essencial para que a cultura lúdica, apesar de se renovar com o tempo, não deixe perder no caminho brincadeiras que um dia foram tão significativas para determinadas culturas.

² A esse respeito, citamos um documentário muito interessante, intitulado “Criança, a Alma do Negócio” (Maria Farinha Filmes, 2013).



Das lembranças compartilhadas pelas professoras, vemos experiências com o brincar em suas casas, nas ruas, em praças e bosques. Estas lembranças pareciam ser lembradas sem esforço algum, porém, com as memórias de brincar na escola foi bem diferente, após um longo esforço a fala se repetia, “não tive muitas brincadeiras na escola”. É interessante notar que Margarida, a professora mais nova a ser entrevistada, foi a que mais apresentou experiências de brincadeiras no espaço escolar, apesar de ainda serem poucas. Isto nos leva a perceber que, com o tempo, o brincar começou, mesmo que de maneira tímida, a ocupar os espaços educacionais.

4 Considerações finais

Refletindo sobre o brincar por meio das narrativas das professoras em diálogo com o referencial teórico estudado, reafirmamos que as brincadeiras compreendem prática fundamental na infância, na medida em que, dentre outros aspectos, favorecem a compreensão do mundo.

No momento das entrevistas, ficou visível o quanto as experiências com o brincar trazem marcas significativas na memória das professoras entrevistadas, cujas emoções eram perceptíveis em suas narrativas. Considerando as singularidades de cada uma, no tempo presente elas narravam o passado e construía reflexões sobre sua prática docente atual e futura.

Percebemos que, atualmente, as instituições de educação infantil são espaços nos quais o brincar se faz presente; porém, por meio das narrativas das professoras e dos estudos teóricos, observamos que a maioria dessas instituições ainda atribui ênfase ao ler, escrever e contar, referindo-se ao brincar como um tempo livre. Apesar da existência de pesquisas e leis que ressaltam a importância do brincar na formação da criança, é necessário proporcionar, cada vez mais, reflexões a respeito.

Um espaço privilegiado para propiciar discussões acerca do brincar são os cursos de Pedagogia. Entretanto, nas narrativas das professoras, percebemos que a cultura lúdica esteve presente de maneira muito tímida em sua formação e o pouco tempo e espaço disponível às práticas do brincar durante a graduação nos fazem questionar se a formação de professores lida com o brincar em toda sua complexidade. Ademais, consideramos que mais importante que aprender brincadeiras é compreender o papel do brincar na formação da criança e, de forma mais ampla, na formação e constituição do sujeito, destacando a importância da mediação da professora e da escola neste processo.

Cientes da importância do brincar na infância e da presença da cultura lúdica nas instituições de educação infantil, cabe a nós, educadoras e educadores, proporcionarmos contextos possíveis para o acontecimento de brincadeiras que favoreçam o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da liberdade de ser e de viver.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.



- AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **História**, v. 14, 1995.
- AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139594/134898>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, 2010.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CARNEIRO, K. T. **Por uma memória do jogo**: a presença do jogo na infância das décadas de 20 e 30. Curitiba: Appris, 2017
- FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, Juiz de Fora, n. 116, p. 21-39, jul./ 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- GUEDES-PINTO, A. L. Memórias de leitura e formação de professores: considerações sobre a apropriação da fala do outro. **Revista História Oral**, Recife, v. 18, n. 2, p. 207-222, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=579&path%5B%5D=pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- GUEDES-PINTO, A. L.; GOMES, G. G; SILVA, L. C. B. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos tradicionais infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- NAVARRO, M. S.; PRODÓCIMO, E. Brincar e mediação na escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 633-648, jul./set. 2012.
- PETRUCCI ROSA, M. I. *et al.* Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 198-207, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/rosa-ramos-correa-junior.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16803.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- ROCHA, M. S. P. M. L. **Não brinco mais**: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional. Ijuí: Editora da Unijuí, 2000.
- SILVA, A. N. Brincadeira: marcos temporais e memória. **Da investigação às práticas**, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 04-30, mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/inp/v4n1/v4n1a02.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- SIQUEIRA, I. B.; WIGGERS, I. D.; SOUZA, V. P. O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 313-326, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v34n2/a05v34n2.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.



SOUZA, S. J.; KRAMER, S. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo de narrativas, leitura e escrita de professores. In: SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (orgs.): **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo, Ática, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Como citar este artigo

EVEDOVE, Marina Dal’; ASSIS, Marília Del Ponte de; AYOUB, Eliana. Memórias das experiências com o brincar: narrativas e mônadas de professoras de educação infantil aqui. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 37, p. 01-12, 2019.

